

6 PERGUNTAS PARA CRISTOVÃO TEZZA

# Impulso de unidade

Por Manuel da Costa Pinto





O PREMIADO AUTOR DE "O FILHO ETERNO" FALA DE "BEATRIZ", LIVRO DE CONTOS QUE SERÁ LANÇADO EM NOVEMBRO E NO QUAL APRIMOROU "SINTAXE TATEANTE"



**FOLHA O** que é a "sintaxe tateante" que, no "Prólogo", você afirma ter tentado aprimorar desde "O Fotógrafo"?



**FOLHA** "Beatriz" é um raro livro de contos em sua obra de romancista, mas traz, onipresentes, duas personagens que já apareceram em "Um Erro Emocional" — a própria Beatriz e Paulo Donetti. Isso não configura um romance em quadros?

**CRISTOVÃO TEZZA** Pode ser lido assim, mas "a posteriori", não pela concepção. Escrevi os contos separadamente e fui lapidando Beatriz e Paulo Donetti. Súbito, surgiu "Um Erro Emocional", que me absorveu por mais de um ano e virou romance. Este ano, ao organizar o livro de contos (projeto anterior ao romance), senti um "impulso de unidade",

que sempre me perseguia. Como eu agora sabia mais dos personagens do que ao escrever os contos isolados, busquei marcar com pequenos toques e correções um conjunto temático, mas sem desfigurar a autonomia das sete histórias. Me agrada a ideia de um livro de contos com unidade, com um parentesco estilístico e temático entre eles.



**FOLHA A** personagem do escritor Donetti aparece sempre em conflito com eventos literários. Isso traduz sua experiência de mais premiado escritor brasileiro?

**TEZZA** Sempre tive uma relação complicada com meus personagens escritores, talvez por alguma razão psicanalítica que é melhor não investigar. Paulo Donetti é um desses duplos desfigurados. Sim, já há alguns anos tenho viajado para dar palestras e participar de eventos, e acabei usando essa experiência em alguns contos,

sempre com algum toque de humor, que às vezes resvala para tensões mais sérias. Não é fácil a exposição pública para quem escreve. É um processo meio esquizofrênico, uma coisa insegura. Eu acho que isso acabou criando uma "persona" que não sou exatamente eu. Às vezes essa duplicidade escapa para meu texto.

**TEZZA** A expressão me ocorreu como a frase que se escreve com certo espírito de incerteza, como se o narrador não soubesse exatamente que caminho tomar ou como explicar o que está acontecendo; alguém que tateia o instante presente para compreendê-lo melhor, ou pelo menos desdobrá-lo em mais possibilidades de interpretação, mas sem perder o fio da meada. Na chamada "vida real", nunca perdemos de fato o fio da meada.

Parece paradoxal, mas há uma substância realista nessa linguagem que me agrada muito. É como se minha recusa filosófica do relativismo pós-moderno estivesse em busca de uma sintaxe ficcional que não tivesse medo de assumir a responsabilidade de seu ponto de vista, mas sem deixar de reconhecer que ele é dúbio, ou, pelo menos, a imensa dificuldade desse centramento necessário. Trata-se de uma sintaxe (frases longas, passagem de um ponto de vista a outro) que se funde a uma visão de mundo, a um conjunto interligado de sentidos.



# 4

**FOLHA** O que significa, em sua obra, o retorno obsessivo de algumas personagens –sendo que, no caso de Paulo Donetti, temos um “parentesco” com o Antônio Donetti de “Ensaio da Paixão”?

**TEZZA** Duas hipóteses, talvez ambas verdadeiras. A engraçada é que sou um escritor de pouca imaginação, e que portanto me agarro com unhas e dentes ao primeiro personagem que consigo escrever e arrasto-o comigo por livros e livros, mudando-lhe o nome para disfarçar o defeito das cópias. A séria é que sou um escritor preocupado antes com temas ficcionais (mas sempre existenciais, que tenham uma ponte com eventos concretos da vida), que são testados em variações da mesma personagem, em diferentes momentos e situações. No caso de Donetti, ele foi a última variação do “escritor” que vem me atormentando desde minha primeira ficção, nos anos 1970.

# 5

**FOLHA** Beatriz é protagonista da maior parte dos contos, mas só é narradora em “Beatriz e a Velha Senhora”. O que determina essa alternância?

**TEZZA** Cada fiapo de história que me ocorre, quando ganha uma imagem e uma linguagem, e, portanto, já pode ser iniciada por escrito, parece determinar já na primeira frase quem narra, quem está vendo e contando aquilo em palavras. No ensaio autobiográfico que estou escrevendo sobre a prosa (e que pretendo terminar até dezembro), chamo esse momento de “lugar onde o escritor coloca a câmera”. Talvez seja uma imagem que só faça

sentido numa certa família de escritores, os “imagéticos”, os que só escrevem o que veem, que é mais ou menos o meu caso. Mas, como metáfora, acho que faz sentido para qualquer escritor; o primeiro instante determina a nitidez do foco. No conto intitulado “Beatriz e a Velha Senhora”, era fundamental que o olhar narrativo fosse exclusivamente o de Beatriz, e o fato de ela mesma narrar a história reforça ainda mais esse aspecto.

# 6

**FOLHA** Como dito no “Prólogo”, a personagem se chamava originalmente Alice –nome que você considera “óbvio, à sombra de Lewis Carrol”. Mas você trocou por Beatriz, a musa de Dante!

**TEZZA** É verdade, mas, no momento em que troquei os nomes, nem me passou pela cabeça a Beatriz de Dante. O meu foco era inteiro contemporâneo, numa escala imediata. E também mais popular: a representação de Alice é uma das imagens

mais fortes da contracultura vitoriana e pós-vitoriana. Ao descartar “Alice”, testei alguns nomes e cheguei a “Beatriz”, por uma razão sonora mesmo. Em português, o nome em voz alta tem uma vitalidade, uma tensão maravilhosa, para cima: Beatriz! “Alice” é um belíssimo nome também, mas sua sonoridade é mais tranquila, quase repousante, e, como eu disse, a sombra de Carrol é mesmo esmagadora. E minha personagem ficou, definitivamente, com cara de Beatriz.



## **BEATRIZ**

AUTOR Cristovão Tezza  
EDITORA Record  
QUANTO R\$ 34,90 (144 págs.)